

Título do capítulo

CAPÍTULO 9 – REDES, ECONOMIA URBANA E TERRITORIALIDADE:
AS RECENTES MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS DA REGIÃO
NORDESTE DO BRASIL

Autora e expositora

Denise Bomtempo

DOI

<http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-063-9/capitulo9>

Título do livro

BRASIL POPULAR, CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E
POLÍTICAS PÚBLICAS

Organizadores

Renato Balbim
Mônica Arroyo
Cristine Santiago

Volume

-

Série

-

Cidade

Brasília

Editora

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

Ano

2024

Edição

-

ISBN

978-65-5635-063-9

DOI

<http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-063-9>

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2024

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

REDES, ECONOMIA URBANA E TERRITORIALIDADE: AS RECENTES MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL¹

Autora e expositora

Denise Bomtempo

Audiência e debatedores

Carolina Pupo

Cristine Santiago

Marina Montenegro

Mónica Arroyo

Renato Balbim

1 APRESENTAÇÃO

Trata-se da sétima reunião temática do Grupo de Trabalho Brasil Popular, Circuitos da Economia Urbana e Política Pública, fruto de um esforço conjunto entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (Laboplan), da Universidade de São Paulo (USP).

Nesse sétimo encontro foi proposta uma exposição seguida de discussão sobre a temática da migração para além dos indicadores tradicionais, abordando também as relações da migração com a economia popular, o circuito inferior, superior marginal e superior, além das relações estabelecidas pela mobilidade e pela permanência. A expositora apresenta os resultados de sua pesquisa a partir de um eixo de migração atípico nas análises brasileiras – a região Nordeste, com ênfase no estado do Ceará – tratando de grupos de migrantes oriundos tanto do Sul quanto do Norte global.

Fica explícita a necessidade de análises subjetivas que complementem as objetivas na análise destes fenômenos complexos, e novamente são observadas inúmeras conexões com os demais encontros.

1. Este texto consiste em um relato baseado na transcrição de reunião realizada em 9 de novembro de 2022. Preservaram-se ao máximo as falas originais, a fim de manter-se a riqueza da exposição e do debate.

2 EXPOSIÇÃO

Denise Bomtempo: É um prazer estar aqui com vocês, mesmo que seja de maneira virtual. O que eu trouxe para discutir é parte dos resultados de um trabalho que está em construção.

Se me permitem, gostaria de fazer uma contextualização da minha trajetória acadêmica. Sou da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Presidente Prudente, onde fiz graduação, mestrado e doutorado. Em 2011, quando cheguei em Fortaleza, tive a oportunidade de ter contato com os alunos da graduação nas disciplinas de projeto de pesquisa. Então foi muito bom, porque eles apresentaram possibilidades de pesquisas que naquela ocasião eles gostariam de fazer. Uma aluna, especialmente, Elidiane, a quem sempre agradeço, falou que queria estudar a migração chinesa.

Então, vindo com aquela cabeça de São Paulo, onde é pulsante a migração internacional na paisagem, do ponto de vista do volume, falei “então vamos ver o que tem de migração chinesa aqui”. Chamei a Elidiane para fazer um percurso no centro da cidade, e foi quando tive um *start*. Então retomei o que era minha base de investigação no início da minha trajetória acadêmica, ou seja, a migração como questão central lida pela geografia. A migração dos chineses em Fortaleza foi a primeira investigação realizada na geografia sobre a migração internacional no Ceará neste recorte temporal (século XXI).

Foi a partir deste trabalho que comecei a fazer alguns “alinhavos” para costurar algumas peças. Então, depois de praticamente dez anos do mestrado para o doutorado, dando continuidade aqui no Ceará – mas numa escala totalmente diferente daquela que até então tinha vivido enquanto pesquisa –, comecei a fazer essas reflexões de tentar alinhar tudo aquilo que tinha começado a fazer, com aquilo que se apresentava como novo no que se refere à migração.

Na dissertação (Bomtempo, 2003) – defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Unesp em Presidente Prudente –, discuti a migração pelo viés econômico. Naquele momento não alinhei o trabalho com o referencial teórico do professor Milton Santos, que é a discussão acerca da economia urbana.

Mas, de certa maneira, utilizei alguns princípios da teoria. Estudei, na verdade, os investimentos dos migrantes descendentes de japoneses nas cidades pequenas do estado de São Paulo (2001, 2003). Esses investimentos mudaram de certa maneira as atividades econômicas dessas pequenas cidades, que tinham o foco na agricultura, depois passou a ser mais comércio, prestação de serviços. Foi notável também o aquecimento do mercado imobiliário, tudo decorrente desses pequenos investimentos, ou até de grandes proporções, para os municípios considerados.

Então, quando me deparei com o volume e a diversidade da população de migrantes internacionais em Fortaleza – num primeiro momento via os chineses –, associei com as leituras já realizadas e novas, a experiência da iniciação científica, do

mestrado, experiências vivenciadas no doutorado (vinculadas ao estágio sanduíche realizado em 2009-2010 na França, onde a presença de imigrantes que desenvolvem atividades econômicas é muito expressiva). Comecei a pensar num caminho para abordar as questões que envolvem a leitura da migração pela geografia no período atual.

Nesse momento retomei o referencial do professor Milton Santos, articulado com os circuitos da economia urbana, como uma proposta para ler a economia existente da migração nas cidades brasileiras nos dias atuais.

Gostaria de fazer um pouco essa contextualização para mostrar para vocês que de fato é uma apresentação de um trabalho que está sendo construído. Temos alguns resultados, mas é nessa perspectiva de alinhar mesmo, de ir juntando as peças que eu gostaria de iniciar a exposição.²

Nos últimos anos também tenho me aproximado muito da sociologia, então já faz um tempo que não debato com geógrafas e geógrafos, e estou sentindo falta dessa discussão geográfica. Sinto-me bastante à vontade, porque confio e admiro o trabalho de vocês, e sei que o debate que teremos é no sentido de contribuir, a partir da geografia, com a discussão acerca das dinâmicas populacionais a partir da migração.

Gostei muito da proposta que é essa perspectiva de como a ciência, como o pensamento pode contribuir para a aplicação, para essa mudança da realidade na qual estamos inseridos, ainda mais depois desse Brasil que renasce com esperanças. Este Brasil que estamos voltando a ter e a construir. Acredito muito nisso, embora tenha certeza das dificuldades, mas temos a possibilidade de pensar de fato e acreditar naquilo que pensamos, e que vai ser ouvido e pensado, que vai ser discutido.

Então creio que esse encontro também é para isso. É o primeiro encontro que temos depois desse Brasil que está ficando para trás. Já faz uma semana do resultado das eleições presidenciais e já estamos nos sentindo um pouco mais distantes das atrocidades que foram vivenciadas nos últimos anos. Então acredito muito que possamos pensar a partir da geografia, também, possibilidades reais de intervenção nessa realidade.

Coloquei alguns pontos para discutir. Primeiro, gostaria de trazer os pilares teóricos que permitem discutir a mobilidade e a migração na geografia, e uma proposição da leitura das migrações, enquanto um fenômeno espacial e social. Posteriormente, trazer um recorte mais empírico, que são as migrações internacionais mais recentes, e esse olhar mais direcionado para a região Nordeste.

Embora os estudos de migração, nas ciências humanas de maneira geral, tenham uma preocupação – principalmente os estudos mais recentes – de focar mais numa perspectiva do sujeito que constitui os movimentos migratórios, fazemos um caminho ainda um pouco – não sei se por resistência, ou é o caminho que aprendi a fazer –

2. Algumas ideias apresentadas nesta exposição podem ser encontradas nas seguintes publicações: Bomtempo (2019), Ferreira e Bomtempo (2018), Bomtempo e Barbosa (2019), Bomtempo e Senna (2021) e Araújo e Bomtempo (2022).

pensando que é interessante termos uma preocupação de uma escala estrutural que permite, entre outros, entender os sujeitos. Então, nesse sentido, consideramos que existem processos, fenômenos e eventos que estão em curso, que precisam ser lidos de uma maneira contextualizada e que sejam consideradas as variáveis do presente sem, portanto, desconsiderar essa contextualização também temporal.

Nesse sentido, pensando nesse presente, pensamos na configuração de uma economia-mundo neoliberal em que temos a ausência de uma política pública igualitária e humanizada, e que vivenciamos o acirramento de desigualdades que se materializam em graus diferenciados na escala dos lugares, e por sua vez na escala da vida.

Então, entre as consequências de fenômenos, processos e eventos desiguais que atravessam o espaço e o tempo presente, temos a coexistência de movimentos migratórios que se configuram por fatores causais diversos e articulam múltiplas escalas espaciais.

Assim, a geografia, enquanto ciência, pode contribuir para a explicação do que chamo, de maneira geral, de dinâmicas populacionais, e aí lidas pela migração, que coexistem em cada período histórico. Então como a geografia, em especial a geografia brasileira, tem contribuído para a leitura das dinâmicas populacionais migratórias ao longo do tempo?

A geografia, enquanto ciência moderna, sempre teve a preocupação de entender as dinâmicas populacionais pela migração. Produzimos estudos que evidenciaram, por exemplo, a distribuição da população no espaço (nos continentes, nos países e dentro dos países – nas regiões). Foram realizadas com tipologias – vendo, portanto, ainda uma referência à geografia francesa de trazer tipologias da distribuição da população de modo aglomerado, disperso, fechado ou isolado. A partir dessa primeira classificação, foi possível elaborar um mapeamento de diferentes densidades populacionais, e a partir daí considerar a existência de ambientes ecúmenos e não ecúmenos, e quais as características geográficas de cada um.

A preocupação com a distribuição da população de acordo com as características do ecúmeno sempre esteve presente, desde a formulação da geografia como ciência, tanto é que os estudos populacionais foram agrupados numa subárea da geografia, a geografia da população. Os estudos da geografia da população sempre foram realizados, num primeiro momento disciplinar, resgatando os elementos da natureza e da sociedade – e interdisciplinar, já que tivemos contato com diversas áreas do conhecimento para efetivar os estudos populacionais. É possível afirmar que a geografia da população sempre construiu sua interpretação das dinâmicas populacionais de maneira multidimensional.

E multidimensional por quê? Porque utilizamos abordagens vinculadas a uma análise espacial em múltiplas dimensões. Nesse sentido, essa multidimensionalidade na geografia da população oferece subsídios para subáreas que compõem a ciência geográfica – com vistas, portanto, a interpretar o fenômeno tendo como foco as dinâmicas da natureza e da sociedade.

E, portanto, essa geografia da população se reconstrói principalmente quando se consideram os motivos que levam às configurações gerais, e específicas, da população em cada período histórico, e sobretudo as permanências e os movimentos. Gosto muito de trabalhar, além das migrações, as possibilidades de permanência, ou as resistências às migrações também.

Mas sempre esse par mobilidade-permanência – eles acompanham as minhas preocupações. Isso eu trouxe da geografia sorriana. Foi Max Sorre que pontuou de maneira muito categórica a necessidade de entender as variáveis espaciais que levam à mobilidade, como também aquelas que permitem ou obrigam a permanência.

Então a mobilidade é lida enquanto um conceito mais geral, que faz parte da história humana, e no período atual é sinônimo de fluxos de informações, dinheiro, ordens, mercadorias, matérias-primas e pessoas. O professor Milton Santos também ajuda a pensar as mobilidades e, no que concerne à mobilidade populacional, não se trata apenas de um deslocamento, mas de uma relação espaço, tempo e sujeitos que é estabelecida a partir de práticas espaciais cotidianas.

Assim a migração entra enquanto um tipo de mobilidade característica do capitalismo. Os motivos que levam à decisão de migrar são diversos hoje, mas por muito tempo ela foi lida apenas como a mobilidade da força de trabalho, ou seja, apenas a partir de um referencial teórico. Entre outros motivos, isso fez com que, em comparação com outras ciências, nas últimas décadas não avançássemos muito do ponto de vista teórico-metodológico nas interpretações sobre as dinâmicas populacionais.

É claro que na história contemporânea o motivo que leva um grande volume de pessoas à migração é o econômico, e a variável trabalho ainda se faz bastante evidente, mas não é a única que permite entender as causas da migração. A união familiar, os desastres ambientais, a aposentadoria, os estudos, as perseguições de gênero, políticas, religiosas – nesse caso mais caracterizadas enquanto refúgio, com conflitos –, guerras também são variáveis importantes para ler as migrações do século XXI.

E do ponto de vista do trabalho, penso que é importante também pontuar que por muito tempo ficamos centrados na discussão das migrações vinculadas à migração da força de trabalho industrial, do trabalho não qualificado do ponto de vista técnico, mas que hoje também há vários trabalhos sendo realizados sobre um perfil de migrante com alto grau de qualificação profissional.

Então hoje, por sua vez – ainda com essa preocupação da geografia a partir dela mesma, mas no diálogo com outras ciências –, buscamos uma aproximação com autores, como falei no início, da sociologia, e gosto muito de um autor que a geografia brasileira incorporou, que é o Abdelmalek Sayad.

Ele trabalhou com Pierre Bordieu. É um argelino que também fez o seu processo migratório para a França. Sociólogo, ele afirmou nos seus trabalhos que a migração é um fato social completo, lido de maneira multiescalar e multidimensional. Então, a partir do Abdelmalek, ao ler a migração pela geografia, começamos a pensar que o que predomina na análise do Abdelmalek é uma leitura dos grupos sociais, do migrante enquanto sujeito social.

No entanto, esses sujeitos se colocam em movimento ou eles permanecem – as relações também existem com a permanência, sempre a partir do *onde*. O *onde* está presente na origem, no trajeto, ele se constitui a partir da trajetória e no território, portanto, de migração.

Então, a partir do Abdelmalek e dos referenciais da geografia, comecei a pensar a migração enquanto um fato espacial e social completo. Espacial porque envolve de fato os territórios na trajetória, e social porque são territórios construídos, constituídos, redefinidos, reconfigurados por pessoas, por sujeitos que ficam, que realizam mobilidade e que, por sua vez, se conectam e conectam esses territórios – territórios de origem e territórios que vão se formando ao longo da migração.

Nesse sentido também, a partir de um grupo de pessoas, dos referenciais, nos distanciamos um pouco daquela concepção mais clássica de migração, dos lugares de saída, dos lugares de chegada, dos lugares de atração e de repulsão – pensando que era mais uma perspectiva que levava em consideração uma série de referências mais estatísticas, porque as bases que tínhamos para ler esses fenômenos eram do lugar de saída e do lugar de chegada. Considerando, portanto, que hoje, mesmo tendo a saída e a chegada, temos cada vez mais lugares envolvidos na migração, ou seja, uma trajetória que se constitui ao longo da vida desses sujeitos e que, por sua vez, ele vai construindo o seu território no movimento.

Então é esta possibilidade de interpretação que estamos construindo, na perspectiva de entender a migração pela conexão dos lugares e dos sujeitos, construída pela trajetória e não dos lugares separados (saída e chegada). Isso necessita, claro, da escolha de uma série de variáveis para interpretar que perpassam, portanto, escolhas quantitativas e qualitativas para fazer a investigação.

E é aí que está o desafio de explicar por que essas migrações acontecem na contemporaneidade, e como elas permanecem no tempo e no espaço. Desse modo, com vistas à compreensão mais processual das dinâmicas populacionais, estamos na construção de um caminho interpretativo.

Na geografia busquei um texto de 2002 do professor Milton Santos – se não me engano publicado na revista *Mercator*, mas acredito que também em outros lugares –, quando ele fala da infância, da juventude e da maturidade da geografia. Ele trabalha na geografia de maneira geral, e pensei: como isso se configura na geografia da população?

Então tentei fazer um pouco esse exercício, tentando compreender que em cada momento temos um conjunto de temas, categorias, conceitos, metodologias e ideologias que são produzidas em vários países e que, por sua vez, podem ser incorporadas e construídas de uma maneira própria pelos geógrafos e geógrafas brasileiros, nessa tentativa de compreender, de explicar as dinâmicas populacionais que são próprias do território.

E por sua vez essa geografia, a partir do Milton Santos, essa infância da geografia da população está vinculada um pouco a essa influência, principalmente das experiências europeias – a francesa como o professor coloca –, o ensinamento do outro, com trabalhos monográficos e descritivos muito ricos, que gosto muito de resgatar e tentar trazer aquilo que é interessante ainda para investigarmos.

A juventude dessa geografia da população no pós-Segunda Guerra Mundial foi marcada pela ampliação das influências externas na produção dos referenciais geográficos. A França continuou sendo referência, mas uma geografia mais aplicada, produzida nos Estados Unidos, na Alemanha e na Inglaterra influenciou a geografia brasileira, sobretudo aqueles que estavam à frente da estruturação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Então essa geografia contribuiu para o aparelhamento do IBGE e de vários institutos que temos no Brasil. Do ponto de vista ideológico, sabemos que o IBGE contribuiu para organização de dados e elaboração de diagnósticos durante o período ditatorial no Brasil, mas não podemos deixar de considerar que hoje – ultrapassando, portanto, essas barreiras do que foi metade do século XX no Brasil –, o IBGE é um dos institutos de muita importância na escala mundo, que tem um trabalho consolidado, que é referência, portanto, em inúmeros trabalhos que são realizados, e principalmente em relação às dinâmicas populacionais.

E, por sua vez, nessa maturidade da geografia de 1980 – e que chega até aos nossos dias –, a geografia brasileira se consolidou e estreitou o seu diálogo com o mundo, sendo também uma referência. Portanto, de acordo com Milton Santos, começamos a realizar nossas primeiras interpretações pelos nossos próprios referenciais. Avançamos na formulação de teorias, de abordagens teórico-metodológicas, considerando a estrutura e a conjuntura dos fenômenos e processos, bem como a própria formação socioespacial, como caminhos para a leitura espacial.

Hoje, na geografia da população, temos o desafio de formular interpretações que considerem uma análise multiescalar e multidimensional das migrações. Acreditamos que essa opção teórico-metodológica – considerando os fenômenos e os processos decorrentes de variáveis estruturais, conjunturais, multiescalares e multidimensionais –, permite considerar que o fenômeno migratório é formado por sujeitos sociais e que, por isso, não é interessante somente uma interpretação determinada da realidade, mas sim também considerar aquilo que é indeterminado no processo migratório, que é marcado inclusive por ausências, permanências, mobilidades que proporcionam encontros, desencontros, reencontros, retornos, reconstrução de trajetórias e identidade.

Então essa perspectiva é difícil, mas ao mesmo tempo é ampla de possibilidades de interpretação, porque permite explicar a migração também por aquilo que é sensível: pelas espacialidades, pelas temporalidades múltiplas, conduzidas e construídas na trajetória. É diferente de uma análise puramente estatística, que coloca o mesmo sujeito em matrizes separadas – o emigrante e o imigrante. Ele é, portanto, um ser com capacidade de articular pelo trajeto, pela trajetória, pela circularidade, o espaço, o tempo e as pessoas.

Nessa perspectiva, essa geografia da população produzida desde os fins do século XX não tem uma ortodoxia pautada nos números. O foco dos trabalhos não está somente em entender essa distribuição rígida no espaço métrico, mas em uma perspectiva de ler tanto a partir da classe como do grupo e dos sujeitos sociais. As interpretações, as temáticas, a adoção de variáveis analíticas, operacionais e empíricas, bem como os conceitos que podem ser selecionados para a investigação, podem ser mais diversos do que em períodos anteriores e, portanto, são múltiplas as interpretações do fenômeno populacional que podemos ter.

Assim, verificamos a partir de artigos, de teses e dissertações, que são construídas novas temáticas que articulam o estrutural, o vivido, o sentido que atravessam esses estudos migratórios. Por exemplo, as temáticas vinculadas – como falei aqui – de trajetória, territorialidades, transterritorialidades, a cidade enquanto espaços migratórios, o retorno enquanto permanência ou circularidade, as redes sociais, as redes geográficas e redes migratórias, e tantas outras temáticas que podem aparecer nos estudos da geografia da população com esse foco na migração nos dias atuais.

Em relação a conceitos, também tenho pensado em conceitos que podem contribuir para a leitura das mobilidades e migrações no século XXI. Nossa porta de entrada sempre é a globalização, que associamos ao conceito de rede e escala. São fundamentais para o entendimento, portanto, das mobilidades e das migrações.

Por que a rede? A rede articula os lugares, os territórios e o sujeito. A rede, na sua dialética, tanto material como imaterial, formal e informal, permite tanto a existência, a configuração e o conteúdo do fluxo migratório como a formação

do sujeito envolvido direta e indiretamente na migração – o migrante, já que a rede pode ser moldada anteriormente à partida, durante o percurso e na realização cotidiana da migração. É a partir da rede que o migrante constrói a trajetória de maneira inter e multiescalar, já que uma das características das migrações existentes é essa existência não rígida de um lugar – como já falei – de partida e um lugar de chegada, mas a coexistência de múltiplos fluxos que passam a constituir, portanto, um sujeito híbrido: entre, inter, multi e transescalar, e transfronteiriço.

É a rede que permite a saída, a chegada, a permanência, sendo ela também que garante a existência de constantes fluxos e circularidades que envolvem múltiplas escalas. E os conceitos de território, territorialidades, transterritorialidades, são também frequentemente usados nos estudos que fazem a leitura das migrações a partir dessa análise multidimensional, que considera variadas temporalidades e tipologias de migrações internas, intrarregionais, inter-regionais, campo-cidade, cidades médias e pequenas, fronteiriças, circulares e na trajetória do sujeito em movimento.

Hoje está muito mais difícil criar um fio da meada, uma perspectiva de tipologia para entender as migrações, porque temos essa coexistência de movimentos migratórios do ponto de vista da escala, do ponto de vista dos elementos causais e do perfil dos sujeitos em movimento.

Diante do exposto, temos algumas perguntas que norteiam a nossa reflexão: o que devemos considerar nos estudos de migração a partir da geografia? Primeiro é interessante olhar as bases de explicações já existentes; ampliar e diversificar possíveis bases teórico-metodológicas na tentativa de explicar as questões do presente. Adotar procedimentos quantitativos como também qualitativos, ou seja, tanto fontes oficiais de pesquisas, como também alternativas, enquanto contraposição a uma lógica somente dos bancos de dados, que são importantíssimos, mas não é interessante limitar a interpretação a eles. E a geografia dispõe de uma riqueza que é o trabalho de campo.

Em relação aos procedimentos qualitativos por meio da pesquisa de campo, dependendo das perguntas que temos, podemos fazer uso de fontes de investigação empírica singulares, por exemplo: hospitais, cartórios, prefeituras, escolas, imobiliárias, sindicatos, igrejas, associações. Depende do que queremos investigar. Podemos inclusive contribuir para a intervenção, já que fazemos uma varredura em possíveis fontes empíricas ao longo da realização da pesquisa.

É importante também considerar os sujeitos envolvidos na migração – os migrantes em si e aqueles com os quais os migrantes possuem relações, tanto aqueles que permaneceram como também aqueles que passaram a fazer parte dessas pessoas a partir da trajetória e da circularidade. São primordiais, portanto, para o entendimento desse conteúdo da migração no século XXI.

As dinâmicas populacionais hoje atreladas à migração têm se manifestado em escalas geográficas que até então não eram sentidas. Isso é muito importante porque,

principalmente em relação ao Brasil, deve-se em grande parte ao que vivenciamos nos últimos vinte anos, que foi a dispersão das atividades econômicas pelo território, como também, por outro lado, tivemos a revisão de políticas migratórias recentes.

Então, juntando também essas variáveis próprias do território brasileiro, econômicas, políticas, conseguimos articular e trazer um entendimento de por que temos a materialização espacial desses movimentos nos dias atuais. Para tanto, principalmente do ponto de vista da metodologia, o volume, o direcionamento, mas também as vivências desses sujeitos são importantes para interpretar os diversos fenômenos que se apresentam.

No entanto, tenho uma preferência, tenho essa preocupação de entender as dimensões mais simbólicas, aquilo que envolve os sujeitos, mas tenho uma propensão – e aí são os resultados que venho apresentar para vocês – de entender a migração pela economia e pela política.

Agora vou apresentar alguns resultados das pesquisas que realizamos no Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais (Leaup), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Daqui para frente vou focar nas migrações (internacionais) mais recentes no Brasil, com o olhar para a região Nordeste. Intitulei o que vou apresentar como *Rede, economia urbana e territorialidade: as recentes migrações internacionais da região Nordeste do Brasil*. Essa migração é um fenômeno que necessita de uma leitura interdisciplinar. É considerada um fato social completo, mas um fenômeno também espacial, em que se deve considerar a estrutura, a conjuntura e os sujeitos. Esse itinerário epistemológico mais articulado à interdisciplinaridade é o caminho para se chegar à síntese.

Quando nos colocamos a realizar uma pesquisa científica, temos a preocupação de elaborar explicações teóricas da realidade e também pensamos em possibilidades de contribuir para a intervenção em políticas públicas. Para isso, temos as questões principais, formulamos objetivos, elaboramos a metodologia que está embutida nesse percurso teórico e a operacionalização, com vistas a alcançar os objetivos.

É interessante ressaltar que nosso ponto de partida para entender as migrações não é a migração em si, mas as dinâmicas territoriais em cada período histórico que podem impulsionar as dinâmicas populacionais, e conseqüentemente as migrações. Para isso trabalhamos com variáveis econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais, considerando um contexto que permita a coexistência de múltiplos movimentos migratórios, que podem ser identificados pela diferenciação das escalas espaciais e temporais.

Então, pensando que existem movimentos internacionais e movimentos internos nesse recorte temporal mais atual, consideramos as escalas espaciais e temporais, o volume, que ainda são variáveis mais tradicionais, e o perfil dos sujeitos que são envolvidos nos fluxos migratórios.

Com essas variáveis, fazemos uma análise mais demográfica e social, do perfil educacional, profissional e espacial. Consideramos também os impactos e os conflitos nos territórios onde os migrantes são entrelaçados. A partir deste primeiro panorama, elegemos alguns temas que norteiam a análise, tais como redes migratórias, circularidades e agentes. Este caminho, que envolve entender as causas, o perfil, os territórios envolvidos, as redes e as escalas, contribuiu para uma interpretação mais qualitativa do fenômeno migratório, ou seja, enfocamos a interpretação para entender as atividades econômicas que passam a ser realizadas pelos migrantes em território de migração. Estamos neste momento trabalhando a partir de vários referenciais, entre eles o trabalho do Milton Santos, de economia urbana da migração.

Temos *O espaço dividido* como a obra de referência, aquele livro que sempre retomamos. É muito interessante essa retomada da leitura, mesmo porque, em cada período da nossa vida, conseguimos verificar discussões que até então não enxergávamos. Verifiquei que é muito presente ao longo de todo o trabalho a discussão da migração, e do migrante também como um sujeito que contribui para a existência, para a continuidade dos circuitos da economia urbana e, principalmente, do circuito inferior.

No entanto, não se resume só ao circuito inferior a presença dos migrantes lida por Milton Santos. Na ocasião que ele escreveu a obra, não só no Brasil, mas em países africanos que ele traz como exemplo, outros países da América Latina, era evidente a existência de movimentos migratórios que envolviam mais a escala campo-cidade. Ele fala desses migrantes saindo do campo, indo para as cidades, não se inserindo no mercado de trabalho formal, principalmente industrial, buscando a possibilidade de se inserirem com trabalhos mais de artesanato, pequenas prestações de serviços, ressalta também o trabalho doméstico.

Então, foi a partir dessa releitura e da experiência empírica que verifiquei como a discussão acerca dos circuitos da economia urbana pode continuar contribuindo com a discussão das migrações no século XXI, sobretudo as migrações internacionais.

Temos a configuração de circuitos de uma economia urbana da migração vinculados ao circuito superior, ao circuito superior marginal e ao circuito inferior. E também eles se articulam a partir da migração.

Então o encontro de uma temática com a discussão teórica tem me animado bastante para seguir em frente na interpretação. A consolidação ou não dessa

economia urbana da migração permite a existência de territorialidades na cidade, lidas pelo trabalho, investimento, consumo, lazer, moradia e estudos.

Para a realização dos estudos, temos uma série de procedimentos do ponto de vista do método, com a elaboração de questões, escolha de categorias filosóficas, analíticas, temas, conceitos, recortes e os eixos para a interpretação da realidade, a utilização de informações e o trabalho de campo. Isso vai ficar muito presente quando eu trazer os exemplos.

Com relação aos resultados, fizemos um mapeamento dos espaços da produção do conhecimento, ou seja, onde se produzem as pesquisas sobre mobilidade e migração no Brasil a partir dos grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no último Censo.

O primeiro de dois conceitos que norteiam a discussão é a mobilidade. Neste caso as pesquisas se apresentam principalmente em São Paulo e Minas Gerais, pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG) e pelo Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, da Universidade Estadual de Campinas (Nepo/Unicamp), que são centros interdisciplinares de discussão da mobilidade. E também no eixo Paraná, Rio Grande do Sul, nos estados da região Nordeste do Brasil, Goiás e Pará. As palavras-chave que compõem esse trabalho estão atreladas, portanto, à mobilidade, aos processos de metropolização, ao transporte.

A discussão acerca da migração é um pouco mais espalhada. Do ponto de vista temporal, percebemos que é uma temática que ganhou força nos últimos anos. De 1990 a 2000 tínhamos poucos grupos de pesquisa que se dedicavam à essa temática, mas ela se tornou mais presente na segunda década do século XXI. Hoje vemos que a configuração de onde se produz uma discussão acerca da migração a partir dos grupos de pesquisa é mais dispersa na geografia brasileira. Migração, educação, cultura, o elemento urbano, religião, patrimônio e migração internacional são focos expressivos dos estudos.

No território brasileiro, muito atrelado a esse projeto de modernização e tecnificação, temos principalmente movimentos migratórios urbanos com mais evidência, e a coexistência de múltiplos movimentos do ponto de vista das direções, das causas, do volume, da escala e da temporalidade.

Então temos ao mesmo tempo migração inter-regional, intrarregional, temporária e as migrações internacionais: migração de fronteira, intercontinental, de refúgio, de trabalho – pensando-se em qualificação e não qualificação profissional – e de investimentos. Buscamos construir a interpretação levando em consideração, do ponto de vista de um recorte temático, as dinâmicas temporais, as dinâmicas territoriais, a escala temporal, esse período da globalização e, por sua vez, esse objeto

mais empírico, a região Nordeste. Vou apresentar aqui o que está mais adiantado, que são os exemplos do estado do Ceará.

Pensando nos fluxos que coexistem, as migrações internacionais que entrelaçam o Brasil de 1990 para cá, temos tanto a migração Norte-Sul global, ou seja, pessoas vindas do Norte global para o Sul, como uma migração que hoje está mais acentuada, uma migração Sul-Sul, principalmente articulando América Latina, países africanos e asiáticos.

E por que o Brasil? O Brasil, do ponto de vista da migração internacional, não é o país que aparece primeiro na escolha para migrar, mas diante da estabilidade econômica e política que vivenciamos ao longo de quase vinte anos – quer dizer, tivemos a elaboração de políticas públicas que contribuíram, entre outras coisas, para a dispersão das atividades econômicas e dos investimentos em setores estratégicos, bem como a revisão da Lei de Migração.

Essa realidade fez com que o Brasil se tornasse um país interessante para diversos perfis migratórios, já que foram registradas pessoas advindas dos países europeus, asiáticos – e mesmo da América do Norte – que adentraram o país na perspectiva de realizar algum tipo de investimento. De maneira coexistente, tivemos também uma migração de pessoas advindas dos países do Sul global (com perfil de investidores, estudantes, trabalhadores em geral, trabalhadores qualificados). Migrantes e refugiados viram o Brasil enquanto um país de possibilidades de permanência. Entre os fatores destacados, encontrava-se a existência de um volume de migrantes não tão acentuado em relação a outros países. Um país que (até o golpe de 2016) dava uma acolhida humanitária à população vulnerável, e portanto um país interessante para permanecer.

Apresento um panorama das migrações no período de 2000 a 2018. Por que não conseguimos atualizar? Por conta da instabilidade dos últimos anos que vivenciamos no país. Não tive como atualizar, porque tínhamos um banco de dados de migração e depois de 2016 houve uma desativação dos dados, uma recomposição das bases por conta da mudança dos ministérios do governo federal que eram responsáveis pela busca, organização e disponibilização dos dados e informações da migração internacional.

Então, a partir dessas duas variáveis tradicionais de saída-chegada, percebemos que em 2000 existia uma centralidade dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (pelas suas centralidades históricas) na recepção de migrantes internacionais. Em 2010 percebemos ainda a permanência da centralidade de São Paulo e Rio, mas também uma dispersão para outros estados brasileiros. Em 2018 uma configuração um pouco diferenciada se apresenta, já que além dos estados que fazem parte da “região concentrada”, temos também estados das regiões Norte e Nordeste que se destacaram como centralidades regionais na recepção de migrantes internacionais.

Na região Norte se destacam os estados do Amazonas e Roraima. Por quê? Para compreender é interessante considerar a nacionalidade dos migrantes que entraram no território brasileiro. Percebemos que em 2000 as nacionalidades que chegaram ao Brasil e solicitaram visto permanente eram originárias dos Estados Unidos, da China, da França, da Argentina e da Alemanha. Ao longo do tempo (2010 e 2018), este panorama sofreu alterações. Em 2010 as nacionalidades com maior entrada no Brasil eram respectivamente as de Estados Unidos e Portugal (do Norte global), mas começaram a aparecer com bastante evidência pessoas originárias da Bolívia, da Argentina e do Paraguai, mostrando, portanto, uma nova configuração dessa migração, uma tendência de uma migração mais Sul-Sul. Em 2018, Venezuela, Haiti, Colômbia, Bolívia e Uruguai foram os países mais registrados em relação à origem daqueles que entraram no território brasileiro com visto de permanência.

No período considerado (2000-2018), tivemos um crescimento no volume de migração e de solicitantes de refúgio em escala global, na América Latina e no Brasil, principalmente de 2010 até os dias atuais. Uma diversificação do perfil de migrantes e a existência de novos rumos, novas rotas, novos fluxos migratórios internacionais no território brasileiro (a região Nordeste, a região Norte, as regiões metropolitanas e cidades de médio porte) são características próprias da migração internacional que se faz presente no território brasileiro no século XXI.

Ao levar em consideração a região Nordeste como parte dos novos espaços que envolvem a migração internacional no território brasileiro, percebemos que em 2000 esta estava centrada nas grandes cidades, principalmente Fortaleza/Ceará, Recife/Pernambuco, Salvador/Bahia, mas também em João Pessoa/Paraíba. Em 2010 verificamos uma espacialização mais vinculada a municípios litorâneos, à região metropolitana, mas não só. E em 2018 também se observa ainda um aumento do volume da migração nas grandes cidades, nas cidades litorâneas, mas também já a existência em cidades distantes dessa faixa litorânea, centros médios regionais, principalmente nos estados do Ceará, do Piauí e também em Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Norte.

Então é nos estados das regiões Norte e Nordeste que temos novas realidades em curso no que concerne à migração internacional. Vou apresentar três grupos de migrantes que investigamos: i) africanos – vou trazer um exemplo de Guiné Bissau; ii) latino-americanos – os venezuelanos; e iii) europeus – os italianos.

Vamos começar pelos migrantes com perfil de investidores. São pessoas que chegam no território brasileiro aptas a realizar investimentos (pessoas físicas). Entre as pessoas entrevistadas, são pessoas que vieram (2003 a 2016) e foram beneficiadas pelas políticas públicas do governo federal e governos estaduais, que contribuíram não só para a população brasileira, mas também para aqueles que chegaram e

tiveram condições (do ponto de vista burocrático) de realizar micro e pequenos investimentos, como também grandes investimentos.

Essas políticas permitiram, por um lado, a ampliação do consumo interno, e por outro lado, dada a liderança internacional do Brasil entre os países da América Latina, da África e da Ásia (pelo BRICS), contribuíram também para que tivéssemos dinâmicas territoriais. Essa liderança geopolítica colaborou também para a materialização de movimentos migratórios, e o aparelhamento e reestruturação dos ministérios das Relações Exteriores, da Justiça e do Trabalho e Emprego. Houve a reconfiguração de instituições públicas federais, a criação do Conselho Nacional de Migração, a revisão da lei e também acordos que foram firmados para investimento mínimo. De 2009 a 2015, o investimento mínimo de R\$ 150 mil já possibilitava a emissão de vistos de permanência para migrantes internacionais; posteriormente a 2015, o mínimo de investimento passou a ser R\$ 500 mil.

Paralelamente ao piso mínimo para investimento estrangeiro (pessoa física), foi criado o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte – elementos importantes, que demonstravam a estabilidade econômica e política do país, que era portanto bastante atraente para aqueles que tinham a necessidade ou gostariam de experimentar novos caminhos na trajetória da vida. Ao fazer uma aproximação do referencial teórico, dos dados e do empírico, foi possível verificar que, nas cidades da região Nordeste com forte presença de migrantes internacionais, diversas atividades econômicas passaram a existir, mormente vinculadas aos elementos étnicos e culturais dos migrantes. Os primeiros trabalhos que realizamos levaram a pensar se não estamos envolvidos na formação de uma economia urbana da migração.

Em relação à origem de investimento dos migrantes, verificamos que o capital de investimento é oriundo do próprio migrante ou adquirido em agências nacionais de financiamento no território de migração. O investimento mormente é composto por emprego de mão de obra familiar, de pessoas do país de origem e de trabalhadores articulados ao território da migração.

Normalmente as atividades são vinculadas ao setor de comércio e serviços. A comercialização dos produtos remete, direta ou indiretamente, ao país de origem. A aquisição de produtos para comercialização é feita por meio de redes que mormente são estruturadas por agentes que possuem a mesma origem territorial dos migrantes.

Temos, portanto, indícios da constituição de um circuito de produção ou comercialização configurado por uma rede contínua, contígua e transescalar que envolve aqueles que migraram e aqueles que permaneceram. Verificamos também a existência de inovações, que podem ser do ponto de vista da produção, da organização, da comercialização e das realizações entre os sujeitos. A utilização de redes

sociais *online* para a divulgação e venda dos produtos também pode ser reconhecida como inovação, assim como a participação de grupos, instituições e redes sociais que envolvem pessoas do mesmo território de origem com o objetivo de debater questões vinculadas ao território de migração e realizar, muitas vezes, cooperação de insumos, ideias e logísticas variadas.

Então essa economia urbana da migração insere-se tanto no circuito superior, superior marginal como no inferior da economia urbana.

Na França existe um grupo de pesquisa formado por geógrafos, sociólogos, economistas e antropólogos que desenvolvem investigações que têm a preocupação de entender a economia desenvolvida pelos migrantes em território francês. Entre os autores, Emmanuel Ma Mung é bastante referenciado. Ele fez a tese com o Yves Lacoste, e desde a tese (análise dos migrantes chineses comerciantes na França) liderou por muito tempo pesquisas sobre as atividades econômicas desenvolvidas pelos migrantes africanos oriundos do Magreb. Durante o pós-doutorado (2019-2021), tive a oportunidade de me aproximar deste referencial. Associando um pouco com as experiências que acumulamos, estamos trabalhando para tentar entender a migração.

Com relação aos dados das empresas com projetos de investimento no Brasil, as variáveis origem e autorizações aos estrangeiros balizam um pouco nosso recorte temático e espacial de investigação. Para este momento, como exemplo, vou trazer o Ceará. Vou apresentar em quais cidades no Ceará temos investimentos estrangeiros de 1964 até 2012. Por que até 2012? Também é uma base de dados que não consegui atualizar. São dados da Junta Comercial do Ceará. Quando solicitamos os dados, eles forneceram gratuitamente, mas procuramos atualizar e depois cobraram. Essa atualização foi solicitada depois de 2012, e não tivemos financiamento para realização da pesquisa. Mas temos dados de investimentos estrangeiros (pessoa física), principalmente em Fortaleza e municípios da região metropolitana, e ao longo de municípios litorâneos.

Principalmente até 1999, verificava-se a presença de europeus, latino-americanos e asiáticos. De 2000 a 2006 o volume de investimentos aumentou nesses três grupos. Os asiáticos, de maneira bastante pontual, estão em Fortaleza e região metropolitana, assim como latino-americanos e europeus – um grupo mais antigo – estão dispersos por todo o litoral cearense. De 2007 a 2012 isso se evidencia ainda mais: os asiáticos, presentes em Fortaleza e região metropolitana, principalmente pelos grandes investimentos realizados no Porto do Pecém, nas siderúrgicas; os latino-americanos, mais concentrados em Fortaleza; e os europeus, consolidando sua permanência em Fortaleza e municípios do litoral.

Em Fortaleza, fizemos um mapeamento de onde eles estiveram no período de 1964 a 1999. Principalmente os europeus ocupam os bairros com melhor

infraestrutura urbana, mais vinculados ao litoral. Isso também se faz presente de 2000 a 2006 e de 2007 a 2012, do ponto de vista do investimento e do local de moradia. Eles trabalham e residem nos bairros mais vinculados à beira-mar. Nos últimos anos, foi verificada também a presença desses migrantes via os investimentos para outros bairros que passam por uma reestruturação urbana na cidade de Fortaleza.

Os investimentos são realizados em todos os setores da economia, com destaque para a indústria, atividades vinculadas ao agronegócio, compra de terras, incorporação, micro e pequenos investimentos em atividades de comércio e serviços. Verificamos, em relação ao porte de investimentos (capital investido), que uma parcela significativa se classifica como microempreendedora (denominação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae) ou microinvestidora (como costumamos chamar). A partir dos dados disponibilizados pelo Sebrae, verificamos onde eles estão no Brasil e na região Nordeste. Nesta região eles estão mais concentrados no Ceará, em Pernambuco e na Bahia. Quanto à origem dessas pessoas, verificamos que são micro e pequenos investidores originários da Europa, do continente africano, como também dos Estados Unidos, dos países asiáticos e da América Latina.

Em relação aos africanos que representam o Sul global, verificamos a presença tanto de pessoas com perfil de refugiados, trabalhadores qualificados e não qualificados, estudantes e investidores. De onde são e onde eles estão no território brasileiro? A partir dos dados (2017), verificamos que estava configurado um eixo da presença dos migrantes africanos no Brasil, cuja centralidade maior se faz presente no estado de São Paulo, em direção aos estados da região Nordeste e do Sul do país. O Ceará é um dos estados em que sobressai a presença dos africanos na região Nordeste. Eles estão sobretudo nos municípios litorâneos (um maior volume se faz presente em Fortaleza) e realizam investimentos no circuito superior da economia, superior marginal e circuito inferior.

Verificamos, a partir da economia urbana da migração dos africanos presentes no Ceará, que são desenvolvidas atividades vinculadas ao circuito inferior, cuja territorialidade se apresenta a partir do corpo, já que os migrantes carregam a mercadoria no corpo, por exemplo, vendedoras de cangas africanas nas praias, nas feiras livres de Fortaleza, na região metropolitana, no centro da cidade, como também na feira ou nas calçadas da avenida Beira-Mar em Fortaleza.

Temos também microinvestidoras que vieram para estudar e permaneceram. Para garantir as despesas do dia a dia, começaram a fabricar roupas étnicas. Atualmente existem em Fortaleza circuitos de confecção que articulam a cidade aos territórios de origem desses migrantes. Eles realizam a compra de tecidos no país de origem – uma pessoa da família envia a mercadoria por avião ou por navio. Se for

por navio, chega no Porto de Santos e uma pessoa também da família, que reside em São Paulo, envia para Fortaleza por transporte terrestre. Atualmente, existem várias mulheres africanas que se dedicam a essa atividade. São elas as responsáveis pela costura (contratam costureiras locais quando necessário), comercializam a mercadoria em lojas físicas e pela internet, enviam o material vendido, fazem a divulgação nas redes sociais e participam de feiras para divulgar o produto. Além disso, são protagonistas em fóruns de discussão acerca das atividades realizadas pelos africanos em Fortaleza (lutam por regularização das atividades e por espaços para exposição, entre outros). Essas atividades estão vinculadas tanto ao circuito inferior como ao superior marginal da economia urbana. Temos também exemplos de atividades realizadas pelos migrantes africanos que podem ser vinculadas ao circuito superior da economia, mas vamos deixar para um próximo momento.

Em relação aos latino-americanos, no Ceará temos principalmente venezuelanos, cubanos, haitianos e colombianos. Do ponto de vista do volume de migrantes, sobressaem os venezuelanos. Além disso, é o grupo mais diverso, já que foi possível registrar a presença de migrantes venezuelanos e também dos povos originários venezuelanos, a exemplo do Warao.

De maneira geral, eles realizam uma mobilidade cruzando a fronteira terrestre, passando, portanto, pelos estados do Norte do país, chegando até as cidades da região Nordeste. Fortaleza é uma delas. E em relação aos indígenas Warao, existe uma complexidade que envolve a característica cultural desse grupo. Eles falam um dialeto, há características específicas em relação ao grupo, à coletividade, à moradia, à alimentação. É um grupo que necessita urgentemente de política pública. Eles têm demandas de trabalho, de aluguel social e de escola para os filhos.

Temos trabalhado a temática da migração por meio da extensão universitária. Em junho de 2022 aprovamos na Uece o programa de extensão chamado Vidas Cruzadas: migração, saberes e práticas, que é a tentativa de criar espaços e condições para que os grupos migrantes possam ser atendidos nas suas mais variadas demandas. De maneira específica, foi criada a Feira do Migrante, que funciona semanalmente na Uece. Os expositores são migrantes venezuelanos, uruguaios, cubanos, cabo-verdianos e guiné-bissauenses. A feira é um espaço para que os migrantes consigam, pelo trabalho com artesanato, expressar-se e ao mesmo tempo ter uma atividade remunerada, e assim terem as necessidades cotidianas garantidas.

Com relação aos venezuelanos, existe uma cooperação de migrantes que trabalham, por exemplo, no ramo da alimentação na praia de Iracema, assim como em regiões turísticas da cidade, comercializando também produtos típicos de sua culinária. Consideramos que, no caso dos venezuelanos, trata-se de uma economia urbana da migração mais vinculada ao circuito inferior, porque existem fragilidades tanto do ponto de vista de documentos, dos recursos da moradia, da

língua – e uma vez que existem essas fragilidades – como a tendência à existência de circularidade e a dificuldade de construção de territorialidades.

Por fim, os italianos compõem um grupo, do Norte global, de trabalhadores com escolaridade, qualificados e de investidores que se encontram na região Nordeste do Brasil desde 1977. No entanto, o perfil atual diz respeito àqueles que chegaram, principalmente, a partir de 2000. É um grupo de maior concentração nos municípios litorâneos, mas também em cidades pequenas e no centro regional do estado como um todo.

O perfil desse grupo é de homens casados – a maioria teve relacionamentos no Brasil –, com uma média de quarenta a sessenta anos, visto permanente, com perfil de investimento. Atuam principalmente nos setores de alimentação, restaurantes, venda de terras e imóveis, comércio, construção civil. No território da migração, os italianos mantêm contato com a família, constroem vínculos com outros migrantes e se articulam nos locais de moradia, de consumo de trabalho e lazer.

Essa economia urbana configurada pelos italianos do Ceará estrutura-se para além da competitividade, mas também pela cooperação estabelecida no plano da horizontalidade das relações de proximidade, com os sujeitos migrantes e não migrantes vinculados, direta ou indiretamente, ao tecido que compõe a rede migratória.

Esta caminhada de inovação social e organizacional perpassa a maneira de se relacionar com o outro enquanto sujeito, enquanto espaço que garante ao migrante a segurança de permanecer, construir sua territorialidade pelo trabalho, pela moradia, pelo consumo, pelo lazer e, ao mesmo tempo, do ponto de vista da economia.

3 A ECONOMIA URBANA DA MIGRAÇÃO: NACIONALIDADES E CIRCUITOS

Marina Montenegro: Gostaria de parabenizar pelo trabalho, retomar alguns pontos e deixar um pouco aberto aqui para conversarmos. Da primeira parte, quando você fez uma introdução sobre a geografia da população, traçando esse paralelo com a infância, a juventude e a maturidade da geografia da população, lembrei daquele capítulo do Cristóbal Mendoza (2006) sobre os novos temas em geografia da população.

E ele justamente relaciona uma nova leitura da migração com a complexificação da compreensão do próprio conceito de população, como você disse, anteriormente entendido como um agregado numérico homogêneo, e mais recentemente a população passa a ser compreendida como um conjunto muito mais heterogêneo, muito mais diverso. Também creio que nesta complexificação haja adicionalmente uma releitura da migração, como você traz, das origens, das causas, das determinações e também das inserções.

Então não é só mais aquela compreensão do migrante como força de trabalho. Gostei muito de te escutar nesse aspecto multidimensional da migração hoje. Acredito que nos ajuda bastante a rever isso. Relacionando a sua fala com esse trabalho do Cristóbal Mendoza, ele também traz que nesses novos temas de geografia da população hoje vamos entender essas permanências e resistências ligadas à mobilidade.

Uma primeira pergunta que me ocorreu foi em relação ao Ceará, especificamente. Como poderíamos pensar isso, Denise, no sentido dessas migrações internacionais que resistem a ir para o Ceará? E fiquei pensando na questão das remessas, por exemplo, quando você traz dos venezuelanos ou dos haitianos, ou mesmo dos colombianos, se pelo fato do real ser uma moeda mais valorizada do que as moedas dos países de origem desses imigrantes, isso tem gerado resistências e permanências nesses países que hoje contam mais com essas redes, com essas facilidades técnicas, nesse sentido.

Fortaleza foi uma cidade que estudei bastante, inclusive o circuito inferior em Fortaleza foi um dos temas de minha tese (Montenegro, 2012). Então fiquei muito feliz de te escutar também porque, quando fizemos a pesquisa em Fortaleza, olhamos para o circuito inferior ali e encontramos muito mais mulheres vindas de uma migração inter-regional – numa migração muitas vezes interna ao estado do Ceará ou vinda do Rio Grande do Norte, mais próxima, que acabava, digamos, gerando um circuito inferior muito pautado ali, na sociabilidade, nas redes de articulação, no boca a boca, e que dinamiza todo o circuito inferior central, ali também do centro de Fortaleza, mas também o circuito inferior periférico que trabalhamos.

E o seu olhar já abre muito mais essa compreensão da migração no Ceará e mesmo em Fortaleza, pensando esse circuito inferior, esse circuito superior marginal e esse circuito superior como uma economia urbana da migração.

E fiquei pensando, quando você trouxe alguns exemplos dos asiáticos, dos venezuelanos e dos africanos; e quando você traz, por exemplo, pensando no circuito superior, os investimentos no Porto do Pecém; e você trouxe o exemplo dessa moda africana, com uma inserção no circuito inferior dos migrantes de Guiné Bissau – mas e os chineses, que eram aquele ponto inicial nesse circuito inferior em Fortaleza? Como eles têm se inserido, se eles entram na confecção mais fortemente, que é uma característica muito marcante do circuito inferior regional.

E aqui creio que vem uma questão que está relacionada com isso, e que *é um processo* no qual temos pensado: se por um lado hoje temos esse circuito inferior cada vez mais inserido em circuitos espaciais de produção mais amplos, como isso também acaba por desarticular, por outro lado, complementaridades regionais e locais do circuito inferior. Então, se essa chegada, essa maior inserção do circuito inferior em Fortaleza, digamos, na mobilidade desses migrantes internacionais,

também tem desarticulado ali complementaridades anteriores, mais locais. Estou te perguntando assim para pensarmos juntos porque, te escutando agora no final, temos a impressão de que eles têm se estabelecido em ramos mais próprios, mais específicos. Ou podemos pensar que existe esse movimento, mas eles também conseguem se inserir em atividades prévias como funcionários, como parceiros, não sei. Foram algumas coisas que pensei.

Denise Bomtempo: É isso, são novos temas que temos para dar conta. Do ponto de vista, primeiro, das remessas, como você falou, achei muito interessante isso, principalmente com os venezuelanos, porque não é fácil.

Por exemplo, é muito recente a presença do Banco do Brasil como agente que permite enviar dinheiro para a Venezuela. Como não existia essa possibilidade “formal” (via um banco), os próprios migrantes criaram canais alternativos. E quem faz isso? Os colombianos. Então os venezuelanos acionam os colombianos, que trabalham como agiotas tanto no empréstimo de dinheiro como na realização da remessa para a Venezuela. Eles criam as estratégias, portanto, para conectar os lugares. E por isso a necessidade de lermos a rede pelas redes técnicas, pelas redes sociais que contribuem, portanto, com a configuração dessa rede migratória.

Do ponto de vista dos migrantes asiáticos, temos também uma diversidade. Por isso a metodologia que desenvolvemos prioriza a análise pelas nacionalidades, porque temos algumas generalidades, generalizações, mas também especificidades a partir das nacionalidades. Porque depende bastante desse território de origem – de onde vem e como se inserem. Então, em relação aos asiáticos, há tanto os grandes investidores dos grupos chineses, como também coreanos. A Posco, que trabalha com siderurgia, é responsável pelo grande investimento em território cearense, mas também é responsável por dinamizar um fluxo de profissionais qualificados de origem coreana que estão diretamente associados à empresa; de profissionais com qualificação técnica diretamente associados à empresa, como também prestadores de serviços que possuem outros clientes e não somente a empresa citada; e pessoas que migram por conta das informações compartilhadas, sobretudo nas redes sociais. São eles, normalmente, profissionais sem tanta qualificação que estão em outros estados do Brasil e realizam essa migração interna (normalmente de São Paulo para o Ceará). Ou trabalhadores sem tanta qualificação que contribuíram para a instalação da empresa, da unidade de produção, e que, depois de cumprirem o contrato, permaneceram e abriram um estabelecimento comercial (pequenos mercados, restaurantes, pousadas) para atender, num primeiro momento, essa demanda de pessoas da mesma nacionalidade, e que hoje são locais frequentados pela população em geral.

Em relação aos chineses, *idem*. Existem grandes investimentos no centro da cidade de Fortaleza. O que tem de novo é que se verifica cada vez mais a existência

de pessoas que fazem uma trajetória de migração interna, ou seja, chineses que estavam em São Paulo e vem para o Ceará. Eles trabalham em atividades comerciais, e de maneira mais recente começaram também a produzir sobretudo confecções na cidade de Fortaleza.

Lembrando que o Ceará é um dos grandes produtores de confecção, que tem uma centralidade também regional, que vai desde Goiás até Manaus, das pessoas que vêm comprar aqui em Fortaleza. Então os chineses hoje também estão na produção e controlam a distribuição, recebem contêineres. O Porto do Pecém é um nó do ponto de vista das atividades econômicas, e que portanto impulsiona também a migração. A gente vê isso também com os italianos, com os coreanos, com os chineses. Esses migrantes se inserem em ramos bem mais próprios, quer dizer, que tem essa vinculação com o território de origem, mas não só.

Do ponto de vista dos africanos, por exemplo, como temos migrantes que vieram para o estudo, há aqueles que se inserem no mercado de trabalho a partir da formação que tiveram aqui no Brasil, principalmente na área da saúde (médicos e enfermeiros). Nesse período de pandemia, tivemos muitos enfermeiros e cuidadores que trabalharam. Então eles se inserem em atividades vinculadas à formação que tiveram aqui, à formação profissional, mas o que predomina é essa vinculação mais própria, como você mesma colocou.

Carolina Pupo: Você nos apresentou uma aula sobre toda a questão da mobilidade e da migração dentro deste fenômeno mais amplo. Há a concepção teórica e metodológica muito bem estruturada que você aponta a partir das suas análises e dos mapas. Particularmente achei incríveis os mapas que você apresentou, pois materializam e articulam com a questão teórica que você propõe sobre a mobilidade. Ficou muito bom.

4 SISTEMA DE MOBILIDADES E MÚLTIPLAS DIMENSÕES – REDES TÉCNICAS E SOCIAIS

Carolina Pupo: Queria trazer uma pergunta. Chamou-me atenção que você citou algumas vezes o uso das redes sociais. Como essas redes sociais são utilizadas para facilitar a comunicação entre migrantes e vem sendo utilizadas como uma ferramenta para possibilitar essa mobilidade no território?

Isso é um dado extremamente recente do período, e que aparece muito bem quando você fala, por exemplo, de alguns migrantes – que estavam, não lembro exatamente se era no Ceará, e que vão para Santa Catarina –, como se articulam a partir da rede social. Este dado do novo período se destaca dentro da sua pesquisa.

Renato Balbim: Obrigada, Denise. Foi, como a Carolina disse, uma aula, e fiquei muito feliz de ouvir de novo e recuperar na memória questões fundamentais da geografia, da geografia da população, as trajetórias de vida.

Tenho aqui uma lista de perguntas que eu queria fazer, mas devido ao tempo vou fazer apenas algumas perguntas pontuais. Gostaria de ressaltar que vejo como esse conjunto de debates do grupo se complementa. Enquanto você falava, me lembrava de um dos primeiros debates, em torno da habitação. Fiquei avaliando as muitas relações desse sistema técnico que trabalha com as redes de solidariedade na migração e as dinâmicas imobiliárias nas grandes cidades.

Por outro lado, foi uma felicidade ouvir você explanando sobre esse tema, tratando da questão da mobilidade. Meu doutorado (Balbim, 2003) foi em mobilidade, e uma coisa sobre a qual me debrucei, e voltei agora mais recentemente a me debruçar, é com uma questão que trouxe no doutorado – que me parece, quando você está colocando, da mais alta importância, que é a ideia da mobilidade como um sistema de mobilidades –, em que coloco que a mudança relativa, ou seja, a mudança da permanência de cada uma das mobilidades impacta na possibilidade e na qualidade de todas as outras mobilidades.

A migração é um exemplo forte da qualidade sistêmica intrínseca ao conceito de mobilidade. Ao mudar para outro país, todo o seu sistema de mobilidade muda imediatamente, sua capacidade de deslocamento cotidiano, sua inserção social, seu espaço de vida, os valores simbólicos dos objetivos e dos espaços acessados, as regras e práticas cotidianas, enfim. Gosto muito de pensar a mobilidade como um sistema de mobilidades, e o estudo da migração traz elementos que corroboram fortemente essa tese.

Infelizmente trabalhamos pouco, me parece, com a mobilidade cotidiana, que é o caso da minha tese de doutorado, olhando para essas demais mobilidades. Se isso fosse estudado com mais detalhes, poderíamos verificar inclusive o imobilismo dos migrantes, e como esse imobilismo relativo está relacionado com a questão da mobilidade social. E então chegamos em uma das questões que me parece que ficaram muito claras nos seus exemplos de pesquisa de campo, as questões raciais – o que são os italianos e o que são os venezuelanos, ou os asiáticos etc.

Aqui já enfoco um primeiro tema que é a relação entre os circuitos inferior e superior e a questão das nacionalidades no contexto das migrações para o Brasil. Poderíamos afirmar que existem inserções diferentes nos circuitos a depender da nacionalidade ou de raças? O racismo e a xenofobia tendem a se expressar em formas distintas de aceitação e assimilação de atividades econômicas do circuito inferior a depender, por exemplo, se é um italiano ou venezuelano cozinhando?

Outra questão que me surge está relacionada à motivação deste grupo de entender de maneira crítica o informal a economia informal. O termo nasce justamente com a questão da migração do campo para a cidade, e toda a discussão nos anos 1960 e 1970 do que é o atraso e a modernidade, e que me parece que hoje – queria ouvir mais uma palavra sua –, que isso tudo é bastante relati-

zado, porque essa migração que verificamos é muito diversa. Você tem desde a migração da pessoa com altíssima qualificação até a migração por questões ambientais, por questões políticas, e penso que seria impossível hoje cunhar um termo, um setor informal da economia ligado a uma ideia de migração associada diretamente ao atraso.

Por fim, gostaria de ouvi-la mais sobre os impactos das redes sociais hoje na visibilidade do Brasil no exterior e a força que elas têm para atrair migrantes. E a diferença, se é que existe, do passado, em que você tinha a visibilidade do país dada sobretudo pelo *marketing* extremamente machista do samba, futebol, mulheres bonitas, praias maravilhosas. Imagino que a mudança dessa imagem e a divulgação de informações de crescimento econômico devam ter impactado em novas migrações, essa diversidade de povos que temos recebido no Brasil.

Denise Bomtempo: Sobre as redes sociais, é isso mesmo. Não detectei ainda nos trabalhos de campo que realizamos o uso de um aplicativo específico porque, entre os migrantes que cruzam as fronteiras para chegar nos Estados Unidos, por exemplo, tem um aplicativo específico. O pessoal também na Síria, principalmente agora, no Afeganistão, eles usam esses aplicativos.

Aqui ainda não (até onde sabemos). Os aplicativos mais usados são o Instagram e o WhatsApp. Existem inúmeros grupos.

Então eles usam, sim, as redes sociais para se comunicar, para decidirem sair, por onde vão passar, fazer o trajeto, e para onde eles vão aqui, para onde vão se direcionar.

Não tanto os índios Warao, mas os venezuelanos de maneira geral, porque os índios Warao, quando cruzam a fronteira, têm um programa de acolhimento, então eles já são direcionados por esse programa de interiorização, porque tem a dificuldade do dialeto, muitos não falam espanhol, então não dão conta de fazer tudo sozinhos, sem ter um acompanhamento.

Agora os venezuelanos, de maneira geral, não. Eles fazem uso mesmo das redes, mas também dos programas de acolhimento. Tentamos trazer as variáveis para entender o porquê de o Ceará ser um dos estados que sobressai na concentração de migrantes. Estamos verificando que há uma forte atuação também dos agentes locais. Aqui, a Secretaria da Proteção Social do estado e a Pastoral do Migrante têm uma atuação muito forte. Então, por que querem ficar no Ceará? Em Fortaleza? Eles ressaltam, também, por conta desse acolhimento.

Em relação à habitação, teria outra frente. Temos muitos migrantes, por exemplo, que conseguiram aluguel social, porque tem uma série de variáveis para conseguir. O tempo de permanência na cidade é uma delas.

Quanto aos indígenas Warao, que por terem feito esse deslocamento forçado para o interior ainda não têm o tempo de permanência para conseguir o aluguel social,

eles precisam de R\$ 30,00 por dia para conseguirem pagar um quarto. Então há cem pessoas vivendo em duas casas no centro da cidade de Fortaleza, e eles compartilham o gás. Um botijão de gás passa por vários cômodos da casa onde eles cozinham. É no mesmo lugar em que eles dormem, se alimentam, fazem a comida, fazem artesanato. Imagine em cada cômodo da casa vinte famílias colocando e tirando a mangueira do gás.

Então, nessa reunião do dia 21 de agosto de 2022, realizada na Câmara de Vereadores de Fortaleza, além dos recursos para os diplomas, a questão da habitação também foi considerada. Uma parte mora em bairros mais precários do ponto de vista da infraestrutura, e nos últimos anos também temos verificado a presença de facções, de grupos urbanos, onde o migrante, pela vulnerabilidade em que se insere, também passa a ser um alvo dessas redes ilícitas.

Há muitas questões interessantes que você colocou, como esse sistema de mobilidades e múltiplas dimensões, e percebemos que a materialização dessas múltiplas dimensões – do econômico, dos fluxos de informações, mercadorias, pessoas –, a materialidade disso é na cidade, é na vida, nas relações que se estabelecem onde essas pessoas estão.

5 O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Carolina Pupo: Percebi a questão da extensão universitária e a sua importância para a sociedade que seu trabalho ilumina, principalmente em relação aos índios Warao da Venezuela.

E percebo, nesses últimos anos, diante da falta de políticas públicas e de ações do Estado, o quanto que nós, da universidade, a partir da extensão universitária, tomamos ou retomamos, durante esses anos, este papel. E penso que isso é um ponto fundamental na universidade, um dos pilares da universidade pública, que é a extensão universitária, quando faltaram ações estatais. Nos trouxe de volta esse papel que a universidade deve cumprir, que é um dos pilares que permeiam a universidade.

Denise Bomtempo: Do ponto de vista da extensão, é por isso que o título do projeto de extensão é Vidas Cruzadas, porque é isso mesmo: são as pessoas que cruzam a nossa vida nos espaços aos quais pertencemos, onde atuamos e que fazem com que comecemos a traçar estratégias diante de um Estado que, de maneira geral, tem problemas para a população, principalmente nesse contexto pandêmico e de uma política de extrema direita, que tem dificuldades múltiplas.

Na universidade, sobretudo na região Nordeste do Brasil, não temos muitos recursos, então vamos procurando estratégias para pesquisa e para atuação via extensão.

Exemplificando, agora a nossa agenda é fazer uma reunião com o secretário da Secretaria do Planejamento e Gestão do Governo do Estado do Ceará (Seplog-CE), para ver se conseguimos recursos para viabilizar, por exemplo, o reconhecimento

de diplomas do pessoal qualificado. A universidade vai começar a fazer o reconhecimento dos diplomas, isso tem um custo mínimo, mas mesmo assim tem pessoas que não tem o dinheiro, então vamos buscar, junto àqueles que se elegeram, que se sensibilizam com a causa, na Seplag.

Na questão dos índios Warao, tem um professor uruguaio, Pablo Mayné, que trabalhou bastante na Espanha, é das artes e tem experiências na Índia, no Oriente Médio, com população migrante, e já trabalhou na escola de artes Dragão do Mar, em Fortaleza. Estamos vendo a possibilidade de inserir os índios Warao nos circuitos que vendem artesanato aqui no Ceará, que tem as lojas bem estruturadas no *shopping*, nas áreas mais estratégicas do ponto de vista do turismo, para ver se a gente insere o artesanato, mas não na perspectiva só da venda.

Aí entra o papel da universidade, esse resgate da identidade, na potencialidade das mulheres, principalmente. Então tudo isso que temos, sim, essa capacidade, principalmente pelo diálogo, não pela verdade científica, mas da escuta, da conversa, da proposição, de integrar pessoas que pensam diferente, que estão em momentos diferentes. Acredito que esse também é um papel que temos, de muita potencialidade.

Inclusive nessa escala se geram também imobilismos, imobilidades, porque a partir da extensão também aglutinamos uma série de migrantes para o lançamento do programa. Na ocasião, organizamos uma feira na reitoria da universidade. Havia cerca de trinta expositores, e muitos deles tivemos que bancar – pagar o Uber na maioria das vezes –, porque eles precisavam trazer o que tinham feito, ou os materiais para exposição. Porque eles não têm dinheiro para comprar os produtos, para fazer o prato, ou comprar o material para fazer o artesanato e ainda pagar o Uber para chegar no local de exposição.

Então temos tentado encontrar lugares para eles se inserirem nas feiras que acontecem na cidade – feirinhas urbanas, não feiras agroalimentares –, que tem nas praças, mas é uma dificuldade. Há essa questão econômica gerando imobilidade, e não dá para ser pelos agentes como a pastoral, ou pela universidade pagando individualmente. É uma questão que acredito ser de uma política pública, para dar possibilidade dessas pessoas se inserirem como trabalhadores autônomos. Talvez linhas de financiamento e uma série de outras variáveis, para que possam ter uma perspectiva de permanência, já que querem ficar aqui. É uma permanência num outro sentido, não num sentido tão clássico, que trabalhamos.

Sobretudo depois desse contexto, desse Brasil do golpe, temos esperança de vivenciar outras realidades com este grupo de migrantes. Porque nos últimos anos o que vivenciamos foi pura dificuldade e resistência para continuar existindo. Hoje, como consequência destes últimos anos de instabilidade, temos uma economia urbana da migração bastante vinculada a essa economia informal, que está galopante, sobretudo dos migrantes oriundos dos países do Sul global.

Por exemplo, um casal que saiu de Fortaleza e foi para Camboriú, em Santa Catarina. Eles ganhavam bem, de acordo com o que eles relataram no trabalho de campo, só que nessa saída da pandemia, na praia de Iracema, eles eram os únicos que vendiam um lanche mais “gourmetizado”, então eram sempre procurados. Já tinham uma formação de gastronomia na Venezuela e conseguiam fazer um produto mais elaborado.

No pós-pandemia, assim como eles, mas usando produtos mais baratos, inúmeros carrinhos apareceram. Então começou uma concorrência. Segundo o depoimento, até as facções chegaram para controlar os espaços na praia de Iracema. Então a cooperação vai declinando diante da instabilidade da economia de maneira geral, que impulsionou ainda mais a existência da informalidade. Essas pessoas que já têm uma vulnerabilidade, por exemplo, não têm a documentação para fazer a atividade autônoma. É em casos dessa natureza que tentamos intervir como comitê de apoio à população migrante (formado por universidade, pastoral, secretaria do governo do estado etc.) junto à Prefeitura de Fortaleza, já que existe um tempo de espera muito grande para liberar a possibilidade dessas pessoas trabalharem como autônomos. Existe, portanto, uma série situações nas quais, por conta do projeto de extensão, tentamos intervir.

Então no trabalho de campo na praia de Iracema verificamos que existe um carrinho de vendas ao lado do outro. Antes da pandemia, desse Brasil do golpe e no golpe, não era assim. São tanto migrantes como a população em geral, inseridos nessa situação de cada vez mais um trabalho informal e vulnerável. Vulnerável no qual entre talvez um ingrediente novo para verificarmos, essa questão de quem controla esses territórios, que passam a ser territórios e que têm uma *fortificação*. Hoje são as facções que controlam esses locais. São pessoas que nem fazem parte, mas que estão lá para controlar quem tem o direito de usar o espaço.

É bem complexo, não sei se isso apareceu em outras situações das pessoas que fizeram exposição, mas pela experiência, e no trabalho de campo, as pessoas têm relatado isso.

6 O FENÔMENO MIGRATÓRIO DIANTE DA COMPLEXIDADE E DA COEXISTÊNCIA DE MOVIMENTOS

Renato Balbim: Agradeceria também se você brevemente tratasse do que tem acontecido em Roraima, essa explosão da entrada de migrantes e o contexto da política local.

Denise Bomtempo: Roraima é a porta de entrada, por isso partimos dos dados secundários, mas o trabalho de campo ajuda a entender o fenômeno migratório diante da complexidade, da coexistência de movimentos. Então a base de dados me permite a entrada e a condução da pesquisa (ajuda a recortar as temáticas e o

empírico), mas a pesquisa qualitativa me permite entender o conteúdo, a trajetória dos sujeitos em movimento.

Renato Balbim: Desculpe interromper, mas imaginava isso mesmo, ouvi relatos de que existem grupos instalados em Roraima que trazem esses migrantes para Roraima como porta de entrada no Brasil, é isso?

Denise Bomtempo: Também tem grupos. Em Fortaleza existem migrantes que já passaram por situação de trabalho análogo à escravidão, que foram capturados por essas redes de tráfico de pessoas ainda na Venezuela, que chegam por Roraima e são conduzidos, muitas vezes até por carros específicos – não entram nem no transporte coletivo, aeroporto, rodoviária. São pessoas que caíram nas redes de prostituição, tráfico de drogas, tem muitos casos.

Durante a pesquisa empírica, verificamos que existem pessoas que foram capturadas pelas redes ilegais. Eles foram direcionados para municípios da região metropolitana de Fortaleza. Foram recrutados para fazer e vender os salgados de forma ambulante, nos lugares onde tem a feira da madrugada, na feira do centro da cidade ou na beira-mar. Então eles traziam essas pessoas para fabricar os salgados, e aqueles que fabricavam também vendiam. Cada uma dessas pessoas recebia R\$ 10,00 por semana. Eles ficavam numa casa em que também funcionava o local de produção. Segundo os depoimentos, lá havia fornos que ficavam no mesmo local onde dormiam. E muitas vezes é isso, são pessoas que não tinham nada, acabam passando situações de fome, acabaram sendo capturadas e por brasileiros. São brasileiros que controlam muitas vezes essas redes.

Até este momento da pesquisa, não verificamos, no grupo de venezuelanos, algo semelhante ao que aconteceu com os haitianos. Os haitianos entravam principalmente pelo Acre e eram direcionados principalmente para o sul do país para trabalhar nos frigoríficos. Mas era um outro contexto econômico e político do território brasileiro, porque foi num período (não só por isso, mas isso contribuiu) em que o Brasil estava ampliando as exportações para o Oriente Médio. Então os haitianos têm essa vinculação com a religião muçulmana e eram contratados para trabalhar nos frigoríficos, para obedecer às exigências do selo Halal.

Tem estudos feitos que demonstram isso, a trajetória de uma migração direcionada. Isso não acontece com os venezuelanos. Até agora ainda não consegui verificar por que os venezuelanos, em comparação com os haitianos, entram, chegam nesse Brasil instável, em que uma das únicas iniciativas do ponto de vista da acolhida é essa política de interiorização do governo federal.

Nas ações vinculadas a este programa de acolhida, o Exército vai à fronteira, e aqueles que foram registrados do ponto de vista formal são direcionados para os municípios localizados mais distante das grandes cidades. Por isso é chamado de

interiorização. Essa interiorização não obedece a uma especificidade geográfica, já que os migrantes são direcionados tanto para as metrópoles secundárias, como também para cidades de porte médio e cidades pequenas de todas as regiões brasileiras.

O que temos verificado na migração dos venezuelanos é uma migração direcionada pelas redes ilícitas e pela Operação Acolhida do governo federal, que visa a interiorização da população migrante, e fluxos (internos) que são direcionados também por redes sociais, que contribuem para a configuração da rede migratória dos venezuelanos. Não tem grupos econômicos direcionando a migração. É isso que conseguimos detectar até agora.

Renato Balbim: É curioso que você falou da questão das meninas venezuelanas, que o atual governo jogou luz sobre práticas que muitas vezes o Brasil desconhecia, que existiam no próprio território. E práticas, me parece, muito associadas ao milicianato desse próprio governo. Acredito que temos uma questão de complexidade, que é como esses circuitos inferiores hoje se complementam e se associam aos circuitos absolutamente ilegais, sem se dissociar de circuitos mais formais ou superiores. Verificamos o papel do exército nessa interiorização, o que passa pelo cadastro e o que deixa de passar, porque é aquela fronteira que possibilita tudo isso.

É extremamente curioso e complicado esse Brasil que nesses últimos seis anos se complexificou demais. Penso que isso coloca novos pontos de pesquisa. Uma curiosidade a respeito do que você menciona sobre os haitianos e os frigoríficos no Sul – pesquisa sobre o início da covid no Brasil, por onde ela se difunde, mostra: grandes capitais, aeroportos e frigoríficos no Sul.

Denise Bomtempo: É exatamente isso, e aí vemos a raiz. Ainda bem que você lembrou Renato, que você me perguntou também em relação à complementaridade dos circuitos. Também é uma preocupação muito grande de não tachar, porque tem a questão da informalidade, da vulnerabilidade, das atividades realizadas pelos venezuelanos mais vinculados ao circuito inferior e tudo mais. É preciso contribuir para não reforçar discursos xenofóbicos que existem. Por exemplo: “o que é importante é o italiano” e “o venezuelano só traz problema”. Então tentamos construir explicações a partir de uma narrativa sem criar hierarquias de importância em se tratando de grupos migratórios.

Por quê? – você perguntou também, ligando um pouco isso em relação à visibilidade do Brasil no exterior. Hoje, pelo volume da migração, se pegarmos os dados estatísticos, a Copa do Mundo foi primordial na atração, em especial dos europeus, com esse perfil de investidores, e dos haitianos, que entraram na construção civil, e principalmente dos latino-americanos.

É um divisor de águas também a Copa do Mundo desse Brasil que passou a ser apresentado no mundo não por esses estereótipos clássicos em relação ao futebol,

mas pela estabilidade econômica e política que estávamos adquirindo. E também pela geopolítica vinculada ao BRICS,³ que há quem leia pela cooperação, outros pelo imperialismo do Brasil em relação aos países africanos, latino-americanos etc. Mas isso tudo, esse papel desempenhado pelo país, político e econômico, nos BRICS principalmente, fez com que nós tivéssemos dinâmicas migratórias que até então não eram mapeadas.

Então essa política de cooperação entre as universidades brasileiras, com uma série de projetos, de editais, de pesquisadores, de estudantes, de cooperação de pesquisa etc. foi muito importante. Vi agora uma professora na França que estava orientando um mestrado sobre um projeto de agroecologia no Senegal, que tinha como referência o Brasil. Além disso, existiam programas do governo brasileiro que subsidiavam, por meio de recursos financeiros e pessoal técnico, a produção agroecológica nos países africanos. Uma série de iniciativas foram realizadas.

Mas em relação aos italianos, por exemplo, em relação ao Nordeste, aí há a complementaridade dos circuitos em atividades informais e ilegais do ponto de vista da origem das atividades. Homens que se casaram no Brasil, numa idade já na maturidade, que também chegaram aqui pelo turismo. Fortaleza é uma das cidades que se vincula a um turismo sexual global. Isso não se fala declaradamente nas entrevistas, mas percebemos que isso também faz parte.

Renato Barbim: Isso não se fala, mas novamente nesse período recente vamos ter que nos debruçar sobre essa questão, porque o presidente falou claramente que não tem problema nenhum vir fazer sexo no Brasil, desde que não sejam homossexuais, algo nesse sentido. Isso tudo estimula, sabemos, isso tudo formula compreensões que acabam se tornando, como você apontou, se concretizando na migração, nas cidades etc.

Denise Bomtempo: Exatamente isso. Então também se faz presente e, na medida do possível, vamos tentando trazer de fato esses elementos da experiência pela via do empírico, que tentamos agregar para esse novo momento que vivenciamos no Brasil. É um desafio, porque isso as bases de dados não captam. Então é essa perspectiva, não da ciência de denúncia – é muito clichê –, mas a produção de um conhecimento científico para mostrar a realidade complexa do país nos dias atuais, e o que precisamos de fato. É preciso gerar produtos acadêmicos que contribuam para a reflexão e também para a atuação, a elaboração de políticas, de diretrizes, de trabalhos que possam envolver múltiplos agentes. Para que essa escala local de fato seja contemplada na vida das pessoas como um todo, e daquelas

3. Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. A ideia do BRICS foi formulada pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O'Neil, em estudo de 2001, intitulado *Building better global economic BRICS*. Fixou-se como categoria da análise nos meios econômico-financeiros, empresariais, acadêmicos e de comunicação. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html#:~:text=Brasil%2C%20R%C3%BAssia%2C%20C3%8Dndia%2C%20China,empresariais%2C%20acad%C3%AAmicos%20e%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o.>

que chegam em situações de vulnerabilidade, por exemplo da língua. Pessoas que não entendem a legislação, não sabem por onde começar, não tem nada. Então são alvos. E são inseridas nos bairros que hoje não são controlados por políticas públicas. É complexo! Temos um papel muito importante.

Por isso que falo muito! Tento abrir espaços de comunicação com a comunidade (via projeto de extensão). Vamos às secretarias de governo estadual e municipal – os políticos do Brasil não conhecem a situação migratória do país – e também tento falar com a mídia. Sempre que sou acionada, concedo entrevista e realizo comentários para o jornal, para a televisão, e divulgamos os trabalhos realizados nas redes sociais. Tenho buscado uma maneira de falar também para que as pessoas entendam de fato o que estamos passando, para colocar em evidência essas questões.

Mónica Arroyo: Sobretudo para não favorecer mais o preconceito, evitar que ele se expanda ainda mais, entre outras coisas.

7 AS MIGRAÇÕES E OS PROBLEMAS ESTRUTURAIS

Mónica Arroyo: Denise, na proposta teórica que você expôs no início da apresentação, havia uma preocupação de fazer uma análise conjuntural e estrutural. Parece-me que essa preocupação está muito subjacente em tudo o que se discutiu hoje, tanto na sua exposição como nas suas respostas. Por exemplo agora, quando você falava com Renato e contemplava na sua reflexão tanto os italianos quanto os africanos e os indígenas venezuelanos, passando também pelos venezuelanos da classe média que chegam ao Brasil – enfim, o tema da migração desde diferentes perspectivas, mobilidades e imobilidades sociais.

Penso que a teoria do Milton Santos também nos ajuda a refletir sobre a questão das classes sociais. A abordagem que ele nos oferece a respeito dos circuitos da economia urbana nos aproxima da discussão sobre as classes sociais. É um problema estrutural da sociedade sob o capitalismo, que vai se renovando, metamorfoseando. Como disse agora o Renato, quando aparecem as milícias e o narcotráfico, os problemas se tornam cada vez mais complexos, mas as classes sociais continuam sendo uma questão que não podemos desprezar, porque nos remetem à situação mais estrutural. A pobreza estrutural, que Milton Santos se preocupava tanto em discutir, tem a ver com a sociedade de classes que ainda permanece, os circuitos da economia urbana permitem nos aproximarmos dessa preocupação como um dado estrutural da nossa sociedade.

E as migrações, pelo que Denise mostra nas pesquisas, também revelam essa questão. O fluxo de origem da população migrante ajuda a entender o tipo de inserção que ela tem nos territórios de recepção, utilizando as categorias clássicas. Os italianos conseguem aqui, da maneira que você mostrou, se inserir na estrutura

de classes de um modo diferente do que podem fazê-lo os venezuelanos, haitianos, enfim, inclusive os venezuelanos que são de classe média no território de origem, mas que aqui fazem parte do circuito inferior. Não quero estabelecer uma relação mecânica das classes com a teoria dos circuitos, nem congelar a análise. Mas quando estudamos o circuito superior, o superior marginal e o inferior, observamos que eles fazem uma aproximação ao problema estrutural da sociedade de classes. Precisamos, obviamente, atualizá-lo com os dados do período, sem dúvida. Atualizá-lo com os dados de como a mobilidade e a imobilidade social se dão em nossos territórios nos dias de hoje.

Denise mostra as ligações ou laços existentes entre os circuitos, com a participação dos migrantes, não é isso? A forma como uma população se insere, quando chega, em grande parte depende do capital que traga. No caso dos venezuelanos, ou dos sírios de classe média, que chegam com certas condições, com características específicas, isso faz parte dessa mobilidade social. Há muitos venezuelanos que chegam com excelente formação e conseguem driblar as dificuldades de uma ou de outra maneira, assim como o caso daquele casal da gastronomia que está indo para Santa Catarina.

Então queria dizer como cada vez mais descobrimos a força da teoria de Milton e, como Denise disse no início, quando voltamos a ler novamente um livro, outro livro, outro livro, descobrimos coisas que já estavam lá na redação do autor, mas que vamos redescobrimo ou dando mais ênfase agora, com novas leituras.

Denise Bomtempo: Não é “só” isso, são questões fundamentais. A realidade hoje vivenciada é paradigmática. Penso que precisamos centrar forças e pensar nos pilares para interpretar de maneira real, se queremos de fato uma ciência que se aproxima da realidade. Então a discussão de classes sociais é fundamental, necessária, que ultrapassa de fato os séculos porque o sistema econômico, social e político é o mesmo, mesmo que ele se metamorfoseie.

Então precisamos enfrentar essa classe social do século XXI, e portanto os migrantes se inserem nisso. E como eles se inserem em relação à classe social nos territórios? É importante enfrentar a discussão teórica para explicar as questões que vivenciamos.

Em relação à obra *Os circuitos da economia urbana*, até agora vivi duas experiências mais prolongadas na França. A primeira foi entre 2009 e 2010. Durante o doutorado ficamos instalados no norte de Paris, em Saint-Denis, e lá eu via uma cidade em que as atividades comerciais e prestação de serviços (formais e não formais) eram centralizadas na migração. Então fiquei com isso na cabeça, ou seja, que precisávamos voltar à discussão – ampliar os circuitos da economia urbana, não só para o mundo subdesenvolvido.

Creio que é uma teoria que precisamos enfrentar do ponto de vista da pesquisa, para mostrar que existem variáveis que, de fato, permitem entender o mundo. Portanto, hoje, cada vez mais, essa economia, que era mais característica do mundo subdesenvolvido, ela está muito presente no contexto europeu (durante e “pós” covid-19).

Hoje, depois de passar pela segunda experiência empírica durante o pós-doutorado (2019-2022), foi possível verificar que a economia urbana das cidades europeias está muito capitaneada pela presença dos migrantes, não só nos bairros onde se concentra essa população, embora se faça mais presente. Então tentei, mesmo de maneira difícil, por conta das limitações da própria pandemia, mas realizei alguns trabalhos de campo para ter alguns elementos para constatação. Estou organizando os textos para lançar para o debate. Mas penso que devemos enfrentar a análise da teoria dos circuitos pela via da pesquisa, pelas experiências e no debate com os colegas. Penso que é uma teoria que traz elementos que permitem entender o mundo atual, e talvez não esteja restrita apenas ao mundo subdesenvolvido.

Então acredito que podemos chegar ao cerne e produzir os nossos centros de investigação, de discussão e de proposição, do ponto de vista da ciência geográfica, sem nenhum receio. E vocês, principalmente, que levam à frente os referenciais, podem sim fazer essa proposição.

Renato Balbim: Tenho um texto que acaba de sair no *Le monde diplomatique* (Balbim, 2022) onde começo falando do Milton Santos, que versa sobre o Brasil da informalidade, desses circuitos inferiores, e gostaria de completar um pouco o que você falou agora, Denise, para se registrar mesmo a importância dessa teoria sim para explicar o mundo inteiro.

O professor pensou e temos que relê-la como dos países subdesenvolvidos, mas ela é, hoje e já é há muito tempo, da economia de todos os países – esses circuitos, as suas complementaridades etc. A questão é que – e isso vimos e verificamos na pesquisa dos assentamentos informais – se nomeiam as coisas de forma diferente: como o Norte vai dando nome para as coisas, a teoria, o pensamento, de maneira diferente.

Veja o exemplo do trabalho informal. O nosso trabalho sempre foi chamado de informal, essa parte do circuito inferior sempre foi chamada de trabalho informal nos anos 1970, 1980, 1990. Enquanto na Europa, nos Estados Unidos, ele sempre existiu, lógico, num número menor, porque são países com uma economia mais potente, mas era a precariedade do trabalho. Nunca foi informal no sentido de criar uma dualidade que excluía. Isso foi colocado para nós, para excluir parte, me parece, para que, inclusive, esse capitalismo seja mais predatório, enfim.

Creio que temos muito a contribuir para o entendimento do mundo, e temos o grande professor Milton Santos para dar o instrumental para tanto. Penso que essa

sua fala, Denise, toda essa discussão que tivemos aqui hoje, traz um sem-número de ideias para que sigamos nessa jornada.

Mónica Arroyo: Entendo quando vocês comentam sobre o circuito inferior nos países centrais. Sem dúvida, a teoria pode ajudar a entender as cidades do centro do mundo capitalista. Pode-se falar de circuito inferior nessas cidades? De que maneira fazê-lo? É um desafio enorme não só para a pesquisa, senão também para a teoria. Mas, voltando à questão da estrutura, temos que pensar a teoria no nível das relações internacionais, da divisão internacional do trabalho, e portanto das relações centro-periferia, Norte-Sul ou de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. São relações que se construíram historicamente sob uma dependência econômica e tecnológica que ainda perdura, embora em diferentes graus. Esta questão também precisamos colocá-la em nossas preocupações.

Renato Balbim: A questão estrutural está colocada porque o Norte global e o Sul global estão dentro de Los Angeles ou de Paris, não deixam de estar. E essa questão da migração acredito que revela isso muito claramente.

Mónica Arroyo: O Sul e o Norte estão em Los Angeles, sobretudo quando olhamos essa cidade a partir dos migrantes. Entretanto, Los Angeles faz parte da formação socioespacial estadunidense, enquanto São Paulo está na formação socioespacial brasileira. Os Estados Unidos e o Brasil são formações socioespaciais com características específicas, que se inserem na divisão internacional do trabalho de maneira diferente. Por isso, a teoria precisa também considerar esse movimento: lugar – formação socioespacial – mundo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. de S.; BOMTEMPO, D. C. Redes migratórias dos italianos no Ceará. *Ateliê Geográfico*, v. 16, n. 3, p. 123-156, 2022.

BALBIM, R. **Práticas espaciais e informatização do espaço da circulação:** mobilidade cotidiana em São Paulo. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BALBIM, R. A revolução conservadora das nossas cidades e o novo período democrático e popular. *Le Monde Diplomatique*, 9 nov. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-revolucao-conservadora-das-nossas-cidades-e-o-novo-periodo-democratico-e-popular/>.

BOMTEMPO, D. C. **Os sonhos da migração:** um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvarez Machado. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.

BOMTEMPO, D. C. Migração internacional, economia urbana e territorialidades. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 39, p. 1-26, 2019.

BOMTEMPO, D. C.; BARBOSA, W. A. Mobilidade e multiescalaridade: a migração coreana no Ceará. **Revista Espaço e Geografia**, v. 22, n. 1, p. 249-283, 2019.

BOMTEMPO, D. C.; SENNA, K. B. P. Migração internacional de africanos para o Brasil e suas territorialidades no estado do Ceará. **Geografares**, v. 1, n. 33, p. 205-228, 2021.

FERREIRA, E. S.; BOMTEMPO, D. C. A China que ninguém vê: migrantes chineses no centro comercial das cidades cearenses. **Boletim de Geografia**, v. 36, n. 1, p. 48-61, 2018.

MENDOZA, C. Geografía de la población. *In*: HIERNAUX, D.; LINDON, A. (Coord.). **Tratado de geografía humana**. Barcelona: Anthropos; Iztapalapa: UAM, 2006. p. 147-169.

MONTENEGRO, M. R. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano**: o circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

